

d'Orey GAZETA



Notas da Redacção

Salvo melhor opinião, estamos a organizarmo-nos para que a próxima Gazeta d'Orey enfoque **Waldemar Jara d'Orey e a Quinta da Regaleira**, a seguinte, será dedicada a **Vasco de Albuquerque d'Orey** e outra a **José Diogo Sampayo d'Orey**. Para tudo isto, é sempre necessário ajuda. Ninguém faz obra sozinho. Ou melhor, às vezes até acontece, mas não é neste tipo de obra fica forçosamente mais rica feita em conjunto. A informação está espalhada. O nosso papel é reuni-la. Esperamos sugestões para outras Gazetas d'Orey que poderão intercalar ou seguirem as que estamos a referir. A união faz a força. Mandem textos sobre os assuntos que vamos tratar. Pequenos ou grandes. Ajudem-nos. A Gazeta d'Orey é de todos os d'Orey!

Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)

Continuo nas minhas investigações e quanto mais avanço mais realizo que a história da nossa família é realmente muito rica. Nesse sentido não é nada difícil manter o entusiasmo e empenho que tenho tido ao longo dos últimos meses.

Nestes últimos meses já passei horas e horas em arquivos e bibliotecas tão diversas como a Torre do Tombo, o Arquivo Histórico-Diplomático, a Biblioteca Nacional, o Arquivo Histórico-Militar, o Arquivo Municipal de Lisboa, entre outros, sem contar com arquivos menos acessíveis que tenho contactado, como o Arquivo Distrital de Leiria, a Biblioteca e Arquivo Regional da Horta. A busca é necessária também internacionalmente como nos casos do Geheimes Staatsarchiv Preussischer Kulturbesitz, o Landesarchiv Baden-Württemberg, além de outros, regionais ou nacionais, como também arquivos na Suíça, Inglaterra ou Estados Unidos. A busca é sem dúvida imensa. Mas o meu trabalho é apenas uma parte do imenso que já foi feito até agora, parte desse trabalho realizado pelos autores da "Monografia Achilles Albuquerque d'Orey", José Luiz de Albuquerque d'Orey e Pedro Paulo Cardoso d'Orey. Tanto o primeiro, com o seu arquivo fantástico ao qual me tem dado acesso para consulta e com o seu vasto conhecimento, como o segundo, residente na Alemanha, muito conhecedor dos documentos alemães, têm me ensinado muito e sem os quais dificilmente teria "pernas para andar" nesta investigação.

Entretanto vou tentando mostrar mais um pouco daquilo que vou descobrindo. Por exemplo, nesta altura posso afirmar que dos 7 filhos dos fundadores nascidos no Faial, apenas os 3 últimos terão nascido na Maison Sans Soucis (Rua de S. João/Rua de S. Paulo), ou seja, Luiz, Ana Luiza e Valdemar. Os 4 primeiros foram baptizados na freguesia das Angústias, ao contrário dos outros baptizados na freguesia da Matriz, além de que no registo de baptismo de Frederico, os Pais são indicados como moradores na R. de S. Francisco.

Outros factos apurados resultam da consulta de jornais da época, em que descobri a data precisa da partida da família d'Orey do Faial, ou seja, partiram no vapor "Leal" no dia 25 de Setembro de 1866.

Também nesse tipo de consultas se descobrem curiosidades. Num semanário da Horta, aparece um anúncio, publicado no início de Setembro de 1866, com o seguinte teor:

«Achilles d'Orey em consequência da sua saída para Lisboa, vende um piano e mais alguma mobília que se pode ver na casa de sua residência». Por uma série de anúncios

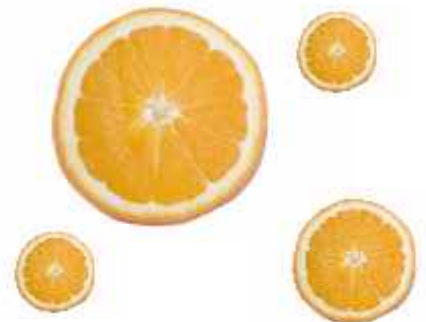
publicados no mesmo semanário, mas em Novembro de 1864, chega-se facilmente à conclusão de que a família d'Orey, na cidade da Horta, não seriam propriamente desconhecidos, já que um dos anúncios tem o seguinte teor: «No quintal da Rua de S. João que fica defronte da casa de residência do sr. Achilles d'Orey, se venderá no dia 28 do corrente, pelas 4 horas da tarde, uma porção de pedra de alvenaria e cantaria».

Mas há ainda muito para pesquisar e investigar, para além daquilo que ainda possa procurar em arquivos públicos, é do conhecimento geral que existe muita documentação na posse da família, documentação essa que provavelmente ainda não foi estudada devidamente. Aquilo que peço é apenas que permitam o acesso a esses documentos, por muito que pareçam insignificantes, têm sempre a maior importância, já que são mais peças do imenso puzzle que é a História dos d'Orey.

Bruno d'Orey Slewinski (verde)



Casal d'Orey com os 3 filhos mais velhos, no Faial, por volta de 1860



Redacção: **Tim-Tim** (laranja) email: [timmittim_milu@hotmail.com](mailto:timmtim_milu@hotmail.com) **Nico** (verde) email: anamaria@orexorex.net

Morada: **Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras** Fax: 214 213 156 www.dorey.pt

Distribuição: **Luisa Loureiro** (laranja) email: mloureiro@domusvida.com Paginação e imagem: **Bruno d'Orey Slewinski** (verde)

A **Gazeta d'Orey** é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.

CONTINUANDO COM OS ANAÍIS DA FAMÍLIA DABNEY

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)



Baía da Horta no séc. XIX

Sabemos que o casal d' Orey foi à Alemanha, no ano de 1856. Dessa altura temos o relato de Roxana Dabney do que se passava no Faial. Para tomar conta da duas filhas do casal, Maria Luisa e Ulrika, com três e um ano, ficou Isabel Albuquerque, irmã de Luisa. As palavras de Roxana, em **13 de Junho de 1856**:

"...Fui a pé esta tarde até à Bagatelle com Susan, Sarah, Marianne e as crianças e o pai está a passar lá este serão. Ontem levei o meu bordado e sentei-me com a menina Isabel (Albuquerque), que está muito fraca, senta-se mas não é capaz de andar. Espero que amanhã ela possa sair no palanquim e dar uma volta pelo campo. Mantem-se bem disposta, mais do que poderia imaginar. As crianças estão muito bem e muito boazinhas e Maria é-lhes dedicada. Felizmente não está só durante muito tempo. A menina Whiting vai lá com frequência para lhe fazer companhia e para lhe ler a família do governador militar tem sido muito amiga e atenciosa e, de entre os vários membros da nossa família, há sempre alguém que passa por lá e quebra a solidão em que ela se encontra."

Pelo relato de **29 de Setembro de 1856** somos levados a pensar que o casal já se encontrava no Faial nesta data.

"...O Sr. e a Sra. d'Orey tinham ido a França e à Alemanha, deixando os filhos ao cuidado da tia, menina Isabel Albuquerque. A tia Fan e eu tornamo-nos muito íntimas por ela, na ausência da irmã teve um singular ataque de nervos que nos causou a todos grande inquietação e passámos muito tempo com ela. Era uma mulher muito interessante e delicada, pertencente a uma das famílias verdadeiramente aristocráticas de Portugal de que vários membros ocuparam o cargo de vice-rei nos primeiros tempos das possessões portuguesas na Índia.

O Sr. Luís Albuquerque foi várias vezes chamado pela Rainha para ocupar o cargo de Primeiro-Ministro e foi um dos poucos ocupantes desse cargo que morreu pobre. A esposa do Sr. Albuquerque provinha também de uma família distinta, os Mouzinhos. Alguns dos Mouzinhos e alguns Albuquerque estiveram em Paris quando lá esteve exilada D. Maria II, e foi então que esta última aprendeu a apreciar as excelentes qualidades de Luís Albuquerque. Era ministro ao tempo da

grave revolução de 1847 em Portugal e tinha comprometido a sua palavra junto do povo de que a Rainha cumpriria as suas promessas de reforma. Porém, esta não cumpriu a sua palavra e ele sentiu que a sua honra o forçava a juntar-se ao povo sentindo mortalmente ferido no campo de batalha.

O Sr. Higginson, quando cá esteve, estudou português com a Sra. d'Orey e ficou muito interessado na família. Depois do regresso à América escreveu um interessante artigo sobre Portugal na "North America Review", em que mencionou o Sr. Albuquerque."

Eis, a **5 de Novembro de 1856**, o que lemos nos Anais:

"...Quando nos fomos despedir de ti, Fanny e eu passámos em casa dos d'Orey. É muito agradável vê-los tão felizes. A Sra. D'Orey parece outra. Tão alegre e animada, e ele está muito menos inquieto e barulhento olhando de uma maneira mais contente e favorável para tudo o que o rodeia. Espero que o estado de espírito se mantenha, mas receio que ele venha a ter alguns contratemplos e um certo descontentamento primeiro que consiga vender os artigos que comprou pois está demasiado optimista por ter vendido muito bem algumas coisas ao princípio. Fui informada de que foi induzido, com base nesse sentimento, a encomendar mais coisas pelo "Hortense" não se lembrando de como é pequeno o mercado para artigos de fantasia. Ora ele pouco mais tem para vender e a maior parte por preços altos. A menina Isabel está muito ansiosa quanto ao resultado mas mantém-se perfeitamente calma. Está muito encantada por vê-los regressar tão bons e tão felizes e pensa que as viagens tiveram neles uma influência das mais favoráveis, tanto física como moralmente. Parece estar muito bem apesar de ter passado por grande fadiga e ter tido muito pouco exercício regular desde que vieram. Fala de ti com muito calor e sente tristeza pela tua ausência."

Em **12 de Janeiro de 1857** é referida uma publicação americana em que a família Mouzinhos de Albuquerque é referida:

"...É claro que temos muito interesse na produções da pena do Sr. Higginson, em particular no artigo sobre Portugal no North American

Review, de que a Sra. d'Orey e a menina Isabel gostaram muito.” É-nos contado também a propósito de arreios e carros de cavalos que alguém viu nos Estados Unidos: “estou muito orgulhoso de poder mostrar tais exemplares de artesanato americano e que Francisco Pereira diz que não se pode negar que a América é a mãe de carrinhos e que outra pessoa afirmou que não gostaria de conduzir uma coisa daquelas através de Hyde Park e entretanto o d'Orey disse-lhe que nunca tinha visto nada tão leve e tão elegante em Hyde Park ou em qualquer outro lugar”

No **Outono de 1858** o Príncipe D. Luís visitou a Ilha do Faial. Porquê apenas o Faial? De 1857 a 1859 vários acontecimentos tiveram lugar em S. Jorge, Faial e Pico. Um ciclone tropical atingiu o Grupo Central no dia 24 de Agosto de 1857 provocando a destruição total dos milharais, então a principal produção alimentar da ilha de São Jorge. Daí resultou penúria generalizada, pelo que no início de 1858 "estava no concelho de Velas, toda a ilha, e suas vizinhas, manifestada a fome com as suas negras cores". Os anos seguintes foram também maus anos agrícolas pelo que a crise alimentar se manteve até 1859. Foi preciso recorrer a subscrições públicas, incluindo uma nos EUA, organizada pela família Dabney, para evitar que se morresse à fome. Os Dabneys foram uma ajuda muito importante, senão os salvadores de muitas famílias. Eis a razão da visita do nosso Príncipe. Podemos ler nos Anais da Família Dabney com data de **Novembro de 1858:**

“...D. Luís introduziu a “Alemã” no segundo ou terceiro baile A vossa tia Fanny, que dançava com o Sr. d'Orey (faltava um mês para nascer o tio Ruy), não estava familiarizada com as duas figuras, aquela em que um homem está sentado e as senhoras são trazidas para serem escolhidas ou rejeitadas. Marry Curri, que trazia uma grande fila de senhoras, veio até à tia Fan e estendeu a mão. “Não, obrigada”, disse a tia Fan com uma vénia graciosa e altiva. “Não vem?” “Não, obrigada”. Estava um homem bastante desagradável na cadeira da recusa e, seja como for, ela pensou, e o Sr. d'Orey concordou, que não era uma bonita figura para uma reunião daquelas. D. Luís, que estava sentado num estrado, um pouco acima dos outros, deve ter observado este jogo porque chamou o camareiro, o Conde de Linhares, e a figura foi alterada”

Em **23 Julho 1859** percebemos que o Sr. d'Orey vinha no navio Estefânia que passou por S. Miguel onde embarcaram alguns Dabneys que ali estavam de visita: “Estefânia”, navio em que iríamos regressar ao Faial entrou no dia 23 de Julho. O Sr. d'Orey vinha como passageiro e vinha também um jovem naturalista alemão muito promissor, o Sr. Reiss, que ganhou fama uns anos mais tarde por ter sido o primeiro a fazer a ascensão do Cotopaxi Só dois ou três meses mais tarde é que esteve no Faial.”

De volta, numa paragem na Terceira...” O Sr. d'Orey encarregou-se de nós e o Sr. e a Sra Coelho, esta última filha do Sr. Fernando Joaquim vieram buscar-nos...” “...às cinco estávamos ao largo de Velas, S. Jorge. O pai, a tia Roxana, Alfred, Fan, o Sr. d'Orey e eu desembarcamos mas, sendo muito limitado o tempo de que dispúnhamos apenas pudemos subir uma rua e descer outra, espreitando uma igreja, a Câmara Municipal e o clube onde se viam tristes restos da noite anterior.” “Navegámos lentamente até ao Faial, não imaginando o que nos estavam a preparar e também não suspeitei de nada quando foi lançado um foguete de sinalização por um dos barcos para anunciar que o pai tinha chegado. Veio então ao nosso encontro uma deputação do Senad, algumas das outras autoridades, os Curry, etc. etc. As duas bandas, Filarmónica e artistas, vinham atrás e começaram a tocar debaixo da popa. Deram três fortes vivas ao pai e sua ilustre consorte. A música moveu-me, apesar de estar muito desafiada. Enquanto remávamos para terra as bandas, acompanharam-nos e, na altura em que chegámos ao cais, apinhado de pessoas de todas as classes, senti-me absolutamente subjugada. Foram largados centenas de foguetes. Nunca vi o pai tão comovido e, para dizer a verdade, não havia muitos olhos secos naquela multidão. O Sr. Sequeira foi muito amável em me

oferecer o braço para me conduzir para fora da multidão. Quase não sei como saí! Eram abraços, beijos, choros. Vinham também senhoras ao nosso encontro, com a banda a tocar até ao nosso relvado e muitos a escoltarem-nos até a casa. A menina Curry disse que fora mais gloriosa do que a entrada de um imperador, porque era voluntária. A querida senhora tinha recrutado algumas rapariguinhas para cobrir de flores a estrada desde o cais. O único senão à nossa felicidade era a doença de Sam mas ele estava melhor do que na semana anterior. Como era fresco e delicioso o ar de todas as coisas em cãs! Bárbara e Maria tinham arranjado as flores nos nossos quartos e parecia haver uma alegria geral. Corremos a visitar a Sra. d'Orey. Quanta felicidade naquela casa!”

Julho de 1860 “A Sra. d'Orey tem um pequeno Fritz, nascido na noite passada.” **20 de Março de 1861** “Enterro do Karl os d'Orey também estavam presentes”. Em **16 de Fevereiro 1862** “...Parámos para visitar os d'Orey, que desceram connosco para cumprimentar os Maynard e mais tarde vieram para cá. O Sr. d'Orey conhece Siegel e Blenker e conheceu Carl Schurz, ou pelo menos conhece algumas coisas a respeito dele, e estava muito interessado em saber deles. Alguns membros da família tomaram chá na “Cedars”, eu fui mais tarde.” Em **20 de Fevereiro de 1862** “..Só Clara, a menina Kent e eu na soirée dos d'Orey desta noite “ Pergunto-me se já mencionei que alguns de nós íamos habitualmente a casa dos d'Orey à Sexta-Feira para conversas e leituras em francês...” Em **21 de Fevereiro de 1862** “O brigue austríaco foi encalhar na Ribeirinha, pergunto-me se o cão e gato terão escapado”.“Sarah, Clara, a menina Kent, o Dr. Soule e eu fomos à soirée dos d'Orey e passámos uns momentos muito agradáveis.” Em **1 de Março de 1862** “Fomos convidados para um casamento nos Flamengos de uma filha da minha velha ama. Chuvoso de manhã. Bom tempo ao meio-dia, vento de nordeste.... A Sra. d' Orey tinha-me escrito um bilhete a pedir o meu conselho sobre o vestido que havia de usar (para uma festa em prespetiva).”

“Estávamos todos a jantar quando o M.J.B. partiu. Engoli à pressa qualquer coisa do jantar e corri para casa dos d'Orey onde me foram buscar com um carro (carro de bois pertencente à baronesa) em que” Em **Junho de 1862** sabemos que o Sr. d'Orey partiu para outra viagem...” O vapor para Lisboa partiu com o Sr. Robeson e o Sr. d'Orey enquanto estávamos a bordo do St. Louis.”

Podemos ler em **12 de Julho** “...tivemos uma conversa no jardim com a Sra. d'Orey. Também ouvimos António Patrício a tocar piano.” e em **21 Julho 1862** “... Fiz a minha mala, levei a menina Kent comigo no cabriolé, John levou Sarah, a Sra d'Orey, Marie, Louise (7 anos) e Rui (ainda não tinha 4 anos) na Carruagem (como as crianças estavam extasificadas). Depois de regressar à “Fredonia” fui até ao Monte da Guia...”

Em **13 de Agosto de 1862** “..Os d'Orey vieram cá abaixo durante a tarde....” e no dia 28 “....Clara Pomeroy veio à minha procura e fui com ela a casa da Maria Júlia, a modista, e depois a casa da Sra. d'Orey...”

Nos Anais da Família Dabneys é referido que, **Quinta feira 18 de Setembro de 1862**, “O Sr. d'Orey regressou no vapor e veio com a esposa tomar chá connosco. Está com óptimo aspecto o bigode fica-lhe muito bem, é tão agradável tê-los novamente connosco. “deve portanto haver um erro nesta data ou na da anterior citação.

No dia **21 de Setembro** “A Sra. d'Orey ouviu dizer a alguns homens que passaram nessa manhã pela sua casa 'vem aí a barca - aquele navio é de boa gente, há-de escapar'. Por vezes, à tardinha, quando voltávamos do Monte da Guia, víamos pessoas a andar de joelhos à volta da igreja das Angústias, rezando pela segurança do 'Azor”

Em **25 de Setembro de 1862** “...A Sra. d'Orey teve um rapazinho nessa noite.....”

Aliás o primeiro a nascer na Maison Sans Soucis na Rua de S. João/ S. Paulo.

Por volta de **Outubro 1862**...“Mencionei que William Robeson, que

veio até cá com os Oliver e comigo, embarcou num dos paquetes de Lisboa ao mesmo tempo que o Sr. d'Orey. Escreveu ao pai uma carta muito agradável, datada de 11 de Outubro 1862. Diz ele: - "Nada poderia ser mais agradável do que toda a minha viagem turística, desfrutei de cada momento e tive muita sorte por ter um companheiro de viagem tão agradável. Teria ficado miseravelmente perdido em Lisboa ou Paris sem o Sr. d'Orey mas ele pôs-me "no bom rumo" e vi realmente muita coisa durante o curto espaço de tempo em que lá estive..."

Em 10 de Outubro 1862 "...Depois de eles saírem, Clara P. e eu fomos à loja do Sr. d'Orey. John e Sam apareceram lá tinham estado a visitar os militares. Encontrámos a Sra. d'Orey muito alarmada com os sísmos."

Domingo 19 "Não senti nenhum abalo ontem à noite, George sentiu apenas dois abalos ligeiros. Estão a fazer a procissão de 'Santo Cristo' (o grande crucifixo da igreja da Praia) que é trazido da Praia. O Sr. d'Orey esteve cá em baixo hoje de manhã e improvisou uma 'barrac' (pois chama barraca a uma tenda) no seu jardim e ergueu uma 'barrac ardente' para os criados."

Em 10 de Novembro "...A mãe deixou-nos a 10 de Novembro, um bellissimo dia do Verão de S. Martinho..... Todos os nossos amigos mais chegados estiveram lá em baixo, o Sr. e a Sra. d'Orey e outros."

Sábado 29 Novembro 1862 "...Sinto que devo a sua influência toda a brandura que possuo e lembro-me da sua presença, só por si, parecia controlar todos os pensamentos amargos e rebeldes dentro de mim.

Como disse a Sra. d'Orey, "Quelle grace, quelle grace" (que graciosidade, que graciosidade). Era completamente feminina. Ao entardecer, quando voltamos para casa, parece não haver onde ir, contumávamos reunir-nos à roda do nosso sol."

Em 4 de Abril (Sábado Aleluia) "...fomos até a casa dos d'Orey." e em 15 de Abril 1863 "...Dado que era Quinta-feira (o nosso serão em casa) tivemos muita gente, os Gore, os d'Orey e o capitão Pickering..."

Domingo 10 de Maio "Aniversário de Edie,O pai, John, a menina Kent, o Sr. d'Orey e eu demos um grande passeio esta tarde..." e a 13 de **Maio 1863** "Decidimos ir ao Capelo com o Sr. d'Orey e a Marie Louise. Jantámos cedo, Fanny levou a Marie Louise na carragem quase até Castelo Branco. Alice era para ter ido no burro de M.L. e voltado na carragem com a tia Fan, mas cedeu elegantemente o seu lugar à Sra. d'Orey..."

A 20 de Maio 1863 "Regressei do Capelo dia 20 de Maio. No dia seguinte os Curry mandaram recado para perguntar se os nossos jardineiros podiam fazer 100 ramos de flores para o baile russo. Fizeram-nos na casa dos terramotos e Fan e eu fizemos dois grandes. O Sr. d'Orey este cá com o Sr. Krusenstern e outro oficial russo, nenhum deles muito simpático."

Domingo 7 de Junho de 1863 "O primeiro dia de Verão, pelo menos o primeiro dia em que nos sentimos confortáveis com os nossos vestidos de musselina. O Sr. d'Orey veio cá a baixo com o Sr. Bronsart e o seu amigo barão para me convidar para lhes fazer companhia ao jantar, pelas três da tarde...Gostei de os ouvir falar alemão com o Sr. d'Orey. O barão estava tão ensonado que ficou e fez uma sesta na sala enquanto os restantes subiam a pé até ao jardim de Santo Amaro, onde estava o pai, a Sra. Gore, Fan e Edith. Tarde maravilhosa. O Sr. Bronsart pôs-se à conversa com o pai (como em geral acontecia com os jovens). A Sra. d'Orey pediu-me com olhos tão implorativos que passasse lá o serão que eu fiquei e Clara veio para cima mais tarde."

Em 9 de Junho de 1863 "...Fui lá acima para dar a lição aos pequenos d'Orey e falei à Sra. d'Orey de vir a nossa casa hoje à noite. Ele e o Sr. d'Orey vieram, bem como todos os dos Cedars e o Sr. Bronsart, o barão Wrangel e um Sr. Vladislaus (tem um ar filandês). Cantaram o hino russo com o acompanhamento do Sr. d'Orey Ouvimos dizer qo Sr. d'Orey e a outros que havia um Príncipe Mestcherskey que, entre os incontáveis admiradores dela, era particularmente devoto a Carolina Curry, mas nenhum de nós o viu."

Em 17 de Julho de 1863 "...quando saí para dar lições às crianças d'Orey encontrei os. Srs...." O Sr. d'Orey gostou da proeza do 'Kearsarge' insistiu em dar-me bolo de feijão e xarope de 'framboise' e água."

Em 19 de Agosto de 1863 "Geroge levou os seus três companheiros de viagem até ao Capelo pelo norte. Tomámos o pequeno almoço mais cedo do que o habitual e depois Fanny, Francie e eu fomos passar o dia com os d'Orey, à 'Lajinha' que eles alugaram para o Verão. Tomámos um banho ao meio-dia mas a maré não estava suficientemente cheia. O Sr. d'Orey chegou da cidade com excelente disposição e só jantámos já perto das quatro, tomámos café num dos 'balcões' e jogámos ao 'relógio e martelo' lá fora...."

(Tinha a tia Marie Louise 10 anos, Ulrika 8 anos, Ruy ainda não tinha 5 anos, Frederico tinha 3 anos e faltava um mês para nascer Luiz)
A 8 de Setembro de 1863 "...O Sr. d'Orey jantou cá (9 de Setembro) e quis que eu fosse à caldeira àmanhã com ele, a Sra. d'Orey e o capitão Vecque, comandante do "Podor" que nos veio visitar ao fim da tarde com Rodrigo Guerra. Parece ser um homem muito simpático e inteligente, como a maior parte dos franceses, pelo menos à primeira vista..."

Quinta feira 10 de Setembro "...Eu estava quase a desistir de ir à Caldera, porque Clara está no Capelo e Fanny não está bem, tem a garganta inflamada, mas a Sra. d' Orey não iria sem mim. Esteve um dia magnífico para a nossa excursão e foi uma bela lição de francês, pois conversamos sómente naquela língua. Gosto do Sr. Vecque, é franco, está perfeitamente à vontade e tem maneiras de cavalheiro. Parecia que a excursão tinha sido demais para ele mas renasceu, espantosamente, depois do jantar. A Sra. d' Orey fez um rodeio sem o pretender mas foi impelida a isso, tudo estava magnífico, perfeitamente limpo, as ilhas, etc." "...O Sr. d'Orey e o capitão Vecque também vieram e tivemos uma verdadeira 'soirée' que eu achei muito agradável. Tive pena de dizer adeus ao capitão Vecque. Ele estava espantado de descobrir o Faial como ele é."

Em 25 de Setembro 1863 "Eu era para ter jantado na 'Lajinha' (Luisinho d'Orey fez um ano) com Alice e Bert..."

Em Janeiro de 1864 "O Sr. d' Orey incitou-me a traduzir para português, com a ajuda da Sra. d' Orey e dele próprio o romance de Tieck (o novelista alemão) sobre Camões. Acabei por concordar e deu-nos um certo prazer embora não tenhamos avançado muito. O Sr. d'Orey queria-o para o festival de Camões marcado para daqui a alguns anos em Portugal. Era um verdadeiro romance e mais alemão do que português. Certa manhã fomos interrompidos no nosso trabalho por dois judeus que insistiam em que lhes vendessem um bocado de linho para a mortalha de Abraão, um dos primeiros judeus com quem CWD e o seu irmão Frederick tinham tido muitos negócios. Levaram trinta "metros" de linho e quiseram que o Sr. d'Orey lhes jurasse que se tratava de linho puro, dado as regras deles não admitiam a mistura. E isto lembra-me como nos divertiu que o Sr. Hunt nos contasse como, numa ocasião em que estava a comprar o linho do Sr. d' Orey, este esteve sempre a dizer , "isto é linho inferior". "Não me importo se é fino" , disse o Sr. "mas quero que seja bom". "Mas garanto-lhe que é linho inferior" e de súbito ocorreu ao Sr. Hunt que ele queria dizer linho puro (do inglês poor linen, ou seja de má qualidade e quando ele queria dizer pure linen ou seja linho puro)"

5 de Julho de 1865 "Fomos todos a bordo do "Colorado" "...O Sr. d'Orey que, juntamente com John e Sam, tinha estado tranquilamente na companhia do almirante estava encantado e, eles também, com a conversa do almirante G. , em especial com o que ele disse acerca de Lincoln. Ao serão tivemos cá os d'Orey, os Curry, etc., e quinze ou vinte oficiais. Grande fartura de danças e jogos até à uma hora e depois dissemos adeus a todos, dizendo eles que certamente voltarão cá. O almirante G. Fiz que vem no próximo ano para nos levar a um passeio pelas ilhas no "Frolic" "Quem chega a esse dia?"

Em Julho de 1865 "...Depois do jantar fomos à Bagatelle, ao Jardim

Público e ao 'Mirante'. Os Curry e os d'Orey nos 'Cedars' ao serão, para se encontrarem com os nossos compatriotas." Em **20 de Dezembro de 1865** (a tia Anna tinha 14 meses) "fomos a casa dos d'Orey ao serão para ver a opereta 'O gato das botas'. M. Medeiros tomou parte e a Sr. d' Orey tem grande crédito pelo trabalho e preocupações que deve ter tido. Todos os do hotel estiveram lá, bem como todos nós. ...John e Sam estiveram junto do navio naufragado... John foi chamado de casa dos d'Orey..."

25 de Dezembro. "Natal, um dia claro, lindo e feliz. Todos os do 'Cedars' (um grande grupo) tomaram aqui o pequeno almoço. Fan e eu arranjámos a sala com verdura antes do pequeno almoço. Jantaram todos aqui e jogaram bilhar à tarde. Estivemos todos, juntamente com todo o grupo do hotel e os d'Orey, nos 'Cedars' ao serão e eles tinham uma linda árvore. Sarah e eu cantámos a primeira parto de 'Hark, the Herald Angels sing' quando se abriram as portas. Todos encontramos qualquer coisa, creio que a menina Nichols tinha uma coisa para cada um..."

31 de Janeiro 1866 "...Foi um Inverno de muitas mascaradas. Vários grupos visitavam diferentes casa e alguns de nós pensaram que seria divertido preparar uma festa nossa e ir a casa dos Curry e dos d'Orey. George e John iriam vestidos de mulher..." "Carolina descobriu que era eu, não obstante a minha barba grisalha. E que grandes exclamações quando G. E Sam apareceram. Fizemos com que atrasassem a sua entrada porque sabíamos que George nos trairia a todos. Eles não foi connosco a casa dos d'Orey, pois atravessar toda a cidade de saias compridas teria sido demais para ele. John disse, quando chegou que se tivesse que usar aquelas coisas nunca sairia de casa. O tempo que passámos em casa dos d'Orey foi muito divertido, não nos conheceram nem por nada e mesmo depois de eu ter levantado a máscara e o Sr. e Sra. d'Orey terem olhado de perto para mim, a Sra. d'Orey disse 'confesso que o não conheço' Disseram-nos no dia seguinte que não tinham gostado assim tanto da diversão. Fê-los ir muito excitados para a cama. Tinham tido um dia muito cansativo. Wassie disse "A prima Sallie e a tia Roxa foram de freira e freiro"

Em **Fevereiro de 1866** já há uma referência ao Sr. Seeman e em **5 de Maio de 1866** "Seeman... Este último tinha estado fora com o tio, Sr. d'Orey, tinham ido visitar o barão Maidell. Este decidira levar o príncipe (Gagarin) e a esposa, embora fosse contra as regras."

8 de Maio de 1966 "Dia do jantar em casa dos C. John, a menina Nichols, Katie, Fan George e eu fomos por volta das quatro, mas o jantar estava muito atrasado. A mesa estava posta como dia do casamento e havia para cima de quarenta convidados.John e a Sra. d'Orey chegaram a seguir a mim. A banda tocou....danças cossacas..."

10 de Maio de 1866 "Aniversário de Edith... Além de nós e da família de António Oliveira só estavam os d'Orey. Eu fui com o grupo nupcial..."

17 de Maio de 1866 "...As caldeiras ainda não estavam quentes, de modo que estivemos fora muito tempo. O Sr. d'Orey estava com o comandante. O camarote de Carolina tinha um aspecto muito agradável, com uma linda rede."

24 de Maio de 1866 "É uma pena que as festividades dos d'Orey pareçam ser marcadas de modo a que não possamos comparecer (tratava-se do aniversário do Sr. d'Orey. Fomos lá acima hoje à tarde apresentar as nossas felicitações mas não pudemos ficar para o jogo, dado que íamos ao vapor com o grupo que partia para S. Miguel"

29 de Maio de 1866 "...Os d'Orey fizeram uma repetição da peça em nosso benefício. Ludwig, no papel de polícia, esteve muito engraçado. O Dr. Medeiros..."

4 de Agosto de 1866 (faltavam 10 dias para o tio Waldemar nascer) "Os d'Orey que tinham estado uma temporada no Pico na casa Cunha, voltaram para casa porque Marie Louise teve qualquer coisa de semelhante a um princípio de febre gástrica. O Sr. Phillips, ficou tão encantado com o Pico em uma ou duas viagens que lá fizemos que decidi alugar a casa Cunha, uma combinação muito do nosso agrado.

.."

7 de Agosto de 1866 "...Eu estive em casa dos d'Orey e de Aniquinha antes de jantar, encontrei os inválidos já melhores..."

28 de Agosto de 1866 "... Fui com o Fritz, primeiro à loja do Sr. d'Orey e depois , acompanhados pelo Sr. d'Orey, fomos a casa deste, onde entrei. Fritz prosseguiu para a Bagatelle. Encontrei a Sra. d'Orey com muito bom aspecto e Marie Louise sentada no sofá. O bebé é um lindo rapazinho que se deverá chamar 'Waldemar'"

20 de Setembro de 1866 "...O pai veio jantar a casa muito satisfeito com o seu trabalho da manhã. Em primeiro lugar consegui que a Maria dos d'Orey consentisse ir com eles para Lisboa. Usou as suas armas mais fortes (e isso, com o pai, quer dizer qualquer coisa), até o Sr. e Sra. d'Orey estavam espantados com o seu poder. Passámos momentos tão simpáticos, os três juntos. De tarde tivemos um grande número de visitantes. Primeiro Fritz, para se preparar para ir à pesca com Frankie e Bert, a tia O e os quatro filhos mais velhos dos d'Orey, as meninas Shober e Mary Curry..."

"...caminhei até a casa dos d'Orey com tia O. e Fan. Maria tinha decidido não ir (influenciada pelas irmãs, provavelmente). As crianças, algumas das mais novas, tinham chorado com esta decisão mas ela estava inamovível. Quando regresssei e disse ao pai, este ficou desgostoso e muito indignado, mas determinado a não abandonar o campo (e acabou por conseguir o que queria)."

"Fredonia" chegou a 23 de Setembro. No dia 24, encontro: - "Fomos os três lá acima pouco depois do pequeno almoço, Clara e Fanny foram ajudar a Sra. d'Orey a fazer as malas. Eu fui com Harriet ... A Sra. d' Orey veio cá abaixo a meio da tarde, trazendo todos os filhos. Pobre senhora estava tão cansada, persuadimo-la a deitar-se no sofá da biblioteca e tomar uma chávena de chá. Os filhos tomaram todos chá connosco. Várias senhora vieram para lhes dizer adeus e eu aproveitei para falar a Mary Curry acerca das lições de português à Sra. Hazard que estava desejosa de aprender. Clara, Harriet, John e eu saímos com os d'Orey Levei Anchen nos braços, a pobre criaturinha estava tão assustada por entrar no barco, mas instalamo-nos muito muito confortavelmente e estava uma bela noite de luar e o mar muito chão. Ajudei a instalar as sete crianças e dois adultos num camarote que contém quatro beliches ! A Sra. d'Orey é maravilhosa. Maria estava mais animada'. Parecia muito natural ver lá a Sra. Felizarda, José e o Sr. Monteiro. Entrei e olhei para os nossos alojamentos de Março passado. Manuel Arriaga estava a bordo e recitou versos para Clara e Harriet. O Sr. d'Orey regressou a terra para ir buscar os seus quarenta e três pacotes. O estas partidas, parece que não temos tido mais nada além disso, ultimamente, no Faial. Vamos sentir muito a falta das meninas d'Orey, cada vez mais à medida que o passe tempo. O Sr. d'Orey veio cá acima com o sobrinho, Richard Seemann, justamente quando tínhamos acabado de fazer chá na Fredonia e tomou outra chávena. Acompanhámo-lo ao cais, nós as três e depois viemos para os confortáveis aposentos. "

" Richard Seemann que, depois da partida do tio, o Sr. d'Orey, se alojou em casa do Sr. Bettancourt, ficou seriamente doente com febre gástrica, coisa que nos causou muita ansiedade. John, Sam e George costumavam lá ir muito e, mais tarde. Clara e algumas de nós senhoras, foram animar o pobre homem embora eu deva dizer que, no geral, ele se mostrou muito corajoso. Persuadimo-lo que vir para o Hotel quando já estava suficientemente bom e até tinha com que se entreter com os Shober, dar lições de alemão a Sra. Hazard, etc. "

Em **Março de 1867** "Agora uma carta da Sra. d'Orey, que escreve em nome do marido que estava doente (original em francês): "Ficamos muito comovidos com a sua amável carta. O meu marido pede-me que lhe diga, com os seus agradecimentos, que ela foi para ele um verdadeiro conforto ter mais uma prova de uma amizade que a ausência e o tempo tornam cada vez mais preciosa". Fala do marido ter apanhado frio e termina: - "queremos ter esperança que continue a melhorar e estar gratos, como o senhor diz sempre, pelo passado e pelo

presente. Adeus, meu caro Senhor Dabney, estou muito aborrecido com o facto de os seus olhos ainda lhe causarem problemas, é uma privação muito grande para si e para os outros, porque lhe dava tão bom uso. Desejo-lhe melhoras e toda a espécie de felicidade. “Sua muito dedicada “Luiza Mouzinho d'Orey”

4 de Setembro de 1867 “Ao amanhecer estávamos perto da ilha e pelas seis quando subi ao convés, estávamos a dirigir-nos para ela ao longo da costa Feteira. Como todos os lugares tinham um ar familiar ! Estava uma manhã limpa e soalheira. Íamos contra a maré de modo que progredíamos lentamente mas pelas 7:30 estávamos ancorados. Sam, Johnnie e Ralph vieram ao nosso encontro no “Briozza”, com os homens tão bonitos nos seus uniformes, calças e camisas de cotim branco, debruadas a azul. John, Marianne, Kate a menina Nichols, a menina Sandford, o Sr. d'Orey, Frank e Bert estavam fora, no Capelo (não mencionei anteriormente que a tia Kate e os filhos, Arthur, Hattie e Livy tinham vindo para cá passar o Verão). Sam tinha-me dito que estavam todos fora, no Capelo...”

8 de Setembro de 1867 “Tivemos serão nos “Cedars”, que grande grupo, as crianças são agora mais do que adultos. Gostei muito to cantar hinos e cantigas de Natal com as crianças, antes do chá nos “Cedars”. É tão bom ver o Sr. d'Orey, veio cá para liquidar os seus negócios.”

11 de Setembro de 1867 “A tarde está muito propícia para a nossa expedição ao desfiladeiro de Laurustinus. A menina Sandford, as três crianças mais velhas, Marianne, Júlia, a menina Nichols, o Sr. d'Orey e eu fomos. Lembrei-me, quando descíamos a “Vista Alegre” ao luar, que tinha passado um mês, dia por dia, desde aquela encantadora noite de Domingo em Berverly.” “Encontrámos lá em casa o Sr. Robinson e o Sr. d'Orey, tinham passado lá o dia. Houve um eclipse mas no preciso momento em que o telescópio estava regulado, o céu cobriu-se de nuvens.” “O Sr. d'Orey era nessa altura um cavalheiro desocupado, esperando o seu vapor e costumava vir cá e ler em alemão ou tocar duetos comigo quando eu podia fazê-lo, coisas que, claro está, eram muito agradáveis.”

21 de Setembro de 1867 “Sam só voltou para casa muito tarde, tendo estado presente no registo dos depoimentos (dum assassinato). O Sr. d'Orey chegou num estado de grande excitação. Felizmente para ele, o vapor para Lisboa, está a antecipar a partida mas como poderia ele partir no mesmo dia do “Fredonia”!”

22 de Setembro “O Sr. d'Orey despediu-se de nós no dia 23. Receio que nunca mais o vejamos no Faial. “

30 Dezembro de 1867 “Comecei a escrever essa tradução com a ajuda da Sra. d'Orey e da irmã. Elas mandaram-na para o irmão Sr. Fernando Mouzinho de Albuquerque, que era um intelectual português. Este fez várias correcções e eu voltei a escrevê-la. A seguir veio alguém que era menos convencional e estava mais “au fait” das expressões modernas, e escrevi-a uma terceira vez.....”

23 de Setembro 1868 “Estava tão tempestuoso que o vapor foi obrigado a rondar o Porto Pim. Os passageiros, etc., só desembarcaram às 8. Sarah veio na carroça de Vicente e descemos com eles até ao Monte da Guia onde passámos uma tarde muito agradável. Eu li alto o muito interessante diário de Clara, de Detroit e Cincinnati. O jovem Canto voltou para cá no vapor. O 5º rapaz do Sr. d'Orey nasceu a 20 de Agosto e recebeu o nome de William Charles (o primeiro do pai, o segundo do vosso avô). O Sr. d'Orey mandou-nos um grupo fotográfico muito interessante da Conferência Telegráfica, com o barão von Buest como figura central. A julgar pelos retratos do Sr. d'Orey, devem ser muito razoáveis.”

“Este bilhete é da Sra. d'Orey para C.W. Dabney (em francês no original) “Meu caro Sr. Dabney, Devo dizer-lhe que, no dia do baptizado, o meu marido cedeu à vontade de chamar Guilherme ao pequenito, como ele. O meu marido queria que fosse Charles mas como o senhor já deve ter o primeiro lugar em tudo, o pequenito contentou-se com o seu segundo nome e, se merecer de si segundas

qualidades, ser-lhe-á suficiente ficar colocado perto de si. Cria-me sempre, meu bom amigo, sua devotada e obrigada. LUIZA”

“O que o Sr. e a Sra. d'Orey sentiam em relação a C.W.D. era admiração genuína. Em 1882, a Sra. d'Orey escrevendo à vossa tia Clara, disse como lamentava ter queimado as cartas do pai: - “Que linda correspondência ele teve com o meu marido. Lembro-me de um dia em que, quando o meu marido estava doente e muito apreensivo, escrevi um bilhete ao Sr. Dabney pedindo-lhe para vir 'com um pretexto qualquer, trazer a calma e o alívio que sempre traz à nossa casa' (original em francês) (depois continua em português, que traduzo) Mais uma vez lhe dirigi no mesmo estilo a mais sincera expressão dos seus sentimentos. Fosse qual fosse o problema, o meu primeiro pensamento era sempre recorrer à sua admirável influência para nos acalmar e parece-me realmente que ele estava tão perto da perfeição quanto é possível. Repito, e tenho grande prazer em repetir, que uma das grandes felicidades da minha vida foi ter conhecido o Sr. Dabney. O que eu não daria por um guia como ele, agora que pareço estar sem apoio moral como o que sempre encontrei nele”

Lisboa, 19 de Março de 1870

Meu caro Sr. Dabney,

Este dia deixou no meu coração uma recordação demasiado agradável para que possa passar a ser apreciado. Envio-lhe os meus sinceros parabéns e melhores votos para o seu futuro O senhor faz lembrar os patriarcas do antigo testamento que, amados por Deus e respeitados pelos seus povos, deixam um rasto luminoso na história do seu tempo e alcançavam uma idade extraordinária. Possa o senhor, como eles, viver muito tempo para a felicidade da sua família e para bem de todos os que se abeiram de si e que o conhecem. Esforço-me por me manter de pé no meu lugar, mas as preocupações atacam-me de todos os lados. Espero no entanto, que este meu percurso moral me fortaleça cada vez mais e espero também sair vencedor deste combate, mas a vida é difícil para mim. A minha família continua a aumentar, mas o céu que me envia esta benção ajudar-me-á. Perdoe esta franqueza e crie-me, meu caro Senhor Dabney,

Seu muito devotado e obrigado, ACHILLES D'OREY

A Tim-Tim lembra-se, de sempre ter ouvido contar que, quando Achilles d'Orey soube que tinha uma doença que lhe daria pouco tempo de vida, quando chegou a casa e contou à sua mulher, esta lhe retorquiu queentão teriam que aproveitar o melhor possível o tempo que lhes restava. Estiveram toda a noite a tocar piano um para o outro.

Em Novembro 1871 “...No cais estavam à nossa espera o Sr. d'Orey e o filho, Rui, tão cordial e coloroso, parecia que estávamos em casa. Fomos para o Hotel Central. O Sr. d'Orey acompanhou-me à Alfândega, cuja passagem o pai e eu tínhamos temido um pouco. Porém, graças ao facto do Sr. d'Orey ter encontrado o Sr. Nazareth e o ter trazido até mim e este ter dito a um dos seus empregados que se apressasse com a nossa bagagem, passámos sem qualquer problema. Era Domingo de manhã e havia oitenta passageiros para despachar, o que tornou as coisas mais fáceis. O Sr. João Ribeiro foi o primeiro a bater à nossa porta, estava na cobertura do “Inslano” quando passámos. Lembram-se do Sr. Nazareth tinha estado no Faial. O Sr. Nazareth e eu tivemos uma pequena conversa. Pensa que a diferença entre ingleses e portugueses está no clima, não na raça.

Pouco depois de regressar ao Hotel, tive a visita da Mary Cabral e do marido. Foi muito agradável ver Mary, que está magra. É evidente que a vida diferente que agora tem não se lhe adapta mas parece muito feliz e o marido parece gostar dela. Gosto muito dele, faz-me lembrar Fred Chauncey. O Sr. João Paim e a esposa vieram visitar-nos e foi muito agradável estar com esses amigos do Faial. O pai, o Sr. d'Orey e eu subimos então à Rua de S. Bernardo e fomos calorosamente recebidos pela Sra. d'Orey e todo o seu rebanho (nove) e a menina Isabel Albuquerque. Foi uma delícia vê-los a todos.

A casa era muito agradável e a vista do pequeno jardim era bonita. Ver uma família assim faz-me sentir feliz, tão felizes, tão contentes e

MANÚ

por Mariana Roque de Pinho d'Orey Cravo (amarelo e verde)

animados, extraindo o máximo de cada pequena coisa, usando os próprios recursos nas brincadeira, etc., apreciando tanto todas coisas. As pessoas deste género são as mais felizes na vida. Nem por nada teria deixado de os ver. Fui eu que incitei o pai a viajar via Lisboa, em lugar de tentar fretar um navio que nos desembarcasse no Faial. A Senhora Albuquerque veio à noite. Está na mesma. O Sr. José Diogo Albuquerque veio com o seu segundo filho (ou este ou o irmão mais velho é o tal), que se distinguiu tanto em Moçambique (1896) ao fazer prisioneiro o famoso chefe africano Gungunhana, uma acção das mais heróicas pela qual recebeu a ordem da “Águia Vermelha” das mãos do Imperador da Alemanha e várias marcas de aprovação de diferentes nacionalidades. Mas para voltar ao irmão da Sra. d'Orey, sempre achámos que devíamos gostar particularmente do Sr. José Diogo e não ficámos desapontados.

Jantei e passei o serão de ambos os dias que estivemos em Lisboa, Domingo e Segunda-Feira, em casa da Sra. d'Orey. O pai e o Sr. d'Orey) jantaram no Domingo no Hotel Central com o secretário da legação da Prússia, um sobrinho de Tieck, um idoso diplomata, e aparentemente divertiram-se muito. Chegaram todos perto das nove da noite a casa da Sra. d'Orey e tocámos música e conversámos Na segunda-Feira de manhã o pai foi às Cortes para falar com o Dr. Ávila (duque de Bolama, etc.) que nessa altura estava à frente da nação. O grande homem recebeu CWD no tom mais caloroso e disse-lhe que pensava que lhe devia muito pelos “bons conselhos” quando era jovem no Faial e contou como CWD tinha estimulado correctamente a sua ambição. Entrou para a carruagem do pai e mandou que a sua o seguisse e achou que nada era demais, acompanhando CDW até às escadas do Hotel Central onde o deixou porque tinha (o duque) muito que fazer sendo, como eu disse, Primeiro-Ministro desse tempo. Isto foi muito compensador para o pai. Quanto a mim, passei a maior parte da manhã com Mary Curry indo às compras com ela e com o Dr. Cabral. Depois fui visitar Adelaide Vasconcelos (Sra. Paim). O apartamento dela era muito acolhedor. A Sra. T. Dart apareceu lá, vai ser nossa companheira de viagem. Mary e eu voltámos ao hotel para merendar com CWD, o Sr. d'Orey e o Sr. Sholtz (inglês, director do proposto cabo submarino para os Açores), um homem com bom aspecto e agradável e com fortes preconceitos ingleses. Podia ter tido em atenção que Mary era portuguesa e poupado algumas observações que fez aos compatriotas dela. Depois da merenda fui passear de carruagem com Mary e o marido e acabei outra vez em casa do Sr. d'Orey, fazendo uma curta visita, em caminho, ao Sr. Jose Diogo. Ao serão houve uma grande “reunião”, a família do Sr. José Diogo, Mary Curry e o marido, João Ribeiro e o Secretária da Legação da Prússia e um Adido.

Divertimo-nos muito e gostei muito do Sr. José Diogo. Morreu de varíola dois meses depois disto, uma perda terrível para a sua família e para a família d'Orey, pois o Sr. d'Orey não lhe sobreviveu muito tempo). O Sr. Sholtz e o filho estavam também no serão dos d'Orey. Os d'Orey têm um preceptor alemão, Sr. Tellita, com quem parecem muito satisfeitos.

Saímos a 15 de Novembro de 1870“

Depois de 1884 “A Sra. d'Orey escreveu isto depois da morte do irmão, Sr. José Diogo, que ocorreu vários anos depois da morte do marido. Quando estive em Lisboa em 1884 havia sete viúvas na família Mouzinho de Albuquerque e nem um único homem de quem pudessem depender inteiramente. Hoje a Sra. d'Orey está a colher a recompensa pela sua dedicação e sacrifício rodeada de seis filhos e suas famílias, que lhe são todos dedicados, para não falar das três filhas. Um belo círculo familiar.”



No domingo, dia 22 de Julho de 2007, estava sentada na minha sala, em São Paulo, tranquila, lendo, e ouvindo o som da televisão quando o telefone tocou e a Vera de Santos (Vera Possollo) me telefonou e me deu, de xofre, a notícia da morte da MANÚ. Como se tivesse levado uma pancada na cabeça, e debaixo de uma impossível de descrever, Emoção, começou a passar na minha mente um filme retrospectivo de minha vida. A primeira memória que eu tenho da Manú é, ela muito pequena, talvez uns dois anos, com um bibe branco, um casaquinho de malha e o seu penacho espetado (tinha o cabelo muito liso) com um laçarote, correndo e pulando entre os canteiros do Jardim

Pequeno (aquele que era na frente do casalinho) na quinta de São Miguel das Encostas. Também me lembro dela nas bichas para entrar na sala da Árvore de Natal, na quinta, sempre pulando e muito inquieta, de um lado para o outro, saindo da bicha, pondo a cabeça pra cima e com aqueles olhos bem abertos, a ver se conseguia ver mais além do que os outros! Muito alegre e querida por todos.

MANÚ MUITOS ANOS DEPOIS...

Sempre que eu ia a Portugal, e que a encontrava, era sempre uma grande alegria, de parte a parte, e dávamos “aquele abraço” que transmitia muito carinho e muita amizade e uma alegria sincera com o reencontro. Encontrei-a algumas vezes na saída da missa em Alcácer do Sal, encontrei-a em casa da Nini, encontrei-a na rua, casualmente, e era sempre a mesma “menina alegre e feliz”. Falou-me dos filhos, do casamento da filha, da alegria e da expectativa de ser avó, do casamento do filho, do nascimento da neta, que ela ADORAVA. Contou-me da casa em Palma, do prazer que tinha em decorá-la, o que pensava em fazer no futuro com essa casa, sempre pensando em prepará-la para os filhos e netos.

É muito triste a morte dela tão no auge da FELICIDADE, da alegria de ver os filhos formarem as suas famílias, etc.

Esteve aqui em casa, um amigo deles e meu que me contou ter encontrado a Manú e o Frederico no aeroporto. Os dois estavam esperando a Madalena que ia chegar com a Francisca, vindas, acho que de Barcelona. Ele me disse que a Manú estava super animada e inquieta com a expectativa da chegada... Lembrei-me da bicha para entrar na sala do NATAL...

Que as PORTAS do CÉU se lhe abram, como se abriam as PORTAS da SALA da Quinta no dia de NATAL. E que ela sinta a mesma ALEGRIA ao entrar no CÉU e ao encontrar a FELICIDADE ETERNA.



A FOTOGRAFIA DE INÊS D'OREY

por Inês d'Orey (castanho)



Inês Pinheiro Torres de Albuquerque d'Orey

Inês d'Orey nasceu no Porto em 1977. Depois de ter completado a licenciatura em Relações Internacionais Culturais e Políticas, na Universidade do Minho, em Braga (1995-1999), e de um curso de iniciação à fotografia, no IPJ, em Braga (1997), decidiu mudar de rumo. Esteve durante três anos em Londres, onde completou o BA em Fotografia na London College of Printing (1999-2002), sempre como bolsista do Centro Português de Fotografia. Participou num programa de intercâmbio na escola de fotografia Studio Marangoni, em Florença (2001). Depois de voltar a Portugal, iniciou actividade dividida entre o trabalho artístico e o comercial. Actualmente, trabalha como fotógrafa freelancer, essencialmente nas áreas de arquitectura e de cena. Em 2005 criou o atelier de fotografia Alma Mate. O seu trabalho foi já publicado em Portugal e internacionalmente, em inúmeras publicações periódicas. Integra o colectivo internacional Young Photographers United. Tem vindo a expôr regularmente. Entre as exposições individuais, destacam-se, entre outros: Soundtrack - Galeria Alvarez SalaUm, Porto (2004); Pagãos, Fadas e Cristãos - Edifício Artes em Partes, Porto (2003); Mulheres Portuguesas em Londres - Edifício Artes em Partes, Porto (2002); Women and Objects - Window 42, Londres (2001). Entre

A LANÇAMENTO DE LIVRO de Fernando Abecassis

“Um Diplomata da Regeneração”, um excelente livro de Fernando Abecassis, editado pela História, sobre o 1º Conde de Vila Franca do Campo. D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo, 1º conde de Villa Franca do Campo, foi um cidadão influente no seu tempo. Influente pela sua instrução, erudição e cultura; influente pela sua criatividade e pelas peças que levou a cena enquanto autor teatral; influente pelos cargos políticos que ocupou, ainda muito novo, quer como deputado quer como governador civil, sucessivamente de Faro, Ponta Delgada e Porto, em condições particularmente difíceis numa época de constantes conflitos civis e levantamentos populares; influente como diplomata de fino trato e grande capacidade negocial; por fim, influente como escritor e investigador de história. Mas, talvez a revelação mais interessante que surge desta pesquisa biográfica e epistolar sobre o 1º conde de Villa Franca do Campo seja a sua extraordinária e praticamente desconhecida missão a Madrid, em 1870. O duque de Saldanha, presidente do Conselho de Ministros da altura, tinha total confiança em D. Pedro da Costa, e encarregou-o de uma missão especialíssima: levar ao trono de Espanha o rei consorte e viúvo de Portugal, o príncipe Fernando de Saxe Coburgo Gotha, D. Fernando II.

Inês d'Orey nasceu no Porto em 1977. Depois de ter completado a licenciatura em Relações Internacionais Culturais e Políticas, na Universidade do Minho, em Braga (1995-1999), e de um curso de iniciação à fotografia, no IPJ, em Braga (1997), decidiu mudar de rumo. Esteve durante três anos em Londres, onde completou o BA em Fotografia na London College of

Printing (1999-2002), sempre como bolsista do Centro Português de



“Sá da Bandeira”, fotografia incluída em “Porto Interior”

as exposições colectivas destacam-se, entre outras: a participação na exposição Descubrimientos, do festival de fotografia PhotoEspaña, Madrid (2007) e no festival de fotografia Mannheim/Ludwigshafen/Heidelberg, na Alemanha (2007).; Projecto O Mail - Fundação Calouste Gulbenkian, Paris (2005); Encontros da Imagem, Braga (2004); 50 Anos Galeria Alvarez - Galeria Alvarez SalaUm, Porto (2004).

O seu trabalho poderá ser visto, neste momento, na Fábrica Braço de Prata, em Lisboa, até 1 de Novembro, na Fnac do Norteshopping, no Porto, até 4 de Janeiro, no festival de fotografia Kaunas Photo, na Lituânia, até 18 de Novembro e na Historical Cityhouse em Kosice, na Eslováquia, até 30 de Novembro.

Inês d'Orey é vencedora do prémio Novo Talento Fotografia FNAC 2007.

